

TABLETS NA PEDAGOGIA HOSPITALAR: REFLEXÕES E POSSIBILIDADES DE USO NUMA PERSPECTIVA ESCOLAR E NÃO ESCOLAR

Cleyton Santana de Sousa - UFES – CAPES, csantanaes@gmail.com

Hiran Pinel - UFES, hiranpinel@gmail.com

Marciane Cosmo Louzada - Secedu Domingos Martins, marciane_cosmo@hotmail.com

RESUMO

Descreveu compreensivamente o uso do tablet numa perspectiva escolar e não escolar da Pedagogia Hospitalar, que aconteceu numa brinquedoteca, desvelando a sua potência didática, e para alcançar essa meta, os pesquisadores recorreram a uma pesquisa/ tese de Sant'Ana (2014) que foi estudada/ investigada bibliograficamente indissociada às atitudes fenomenológicas (FORGHIERI, 2001; PINEL, 2004) de envolvimento existencial com o fenômeno estudado, e indissociando-se a um distanciamento reflexivo. Os marcos teóricos transitam entre autores como Heidegger (2010) e Merleau-Ponty (2011), dentre outros como Rosini, Bernardi. Os resultados (e discussão) indicam a importância do uso de uma ferramenta ou maquinário (ou dispositivo) em Pedagogia Hospitalar, escolar e não escolar, no espaço-tempo denominado brinquedoteca hospitalar, e o quanto tais “coisas” (objetos) compõe o corpo total, dependendo da filosofia entranhada e defendida pelo professor/ educador, o sentido que dá aquilo que é coisa objetiva, não neutro, criado pelo humano, algo animado por ele.

Palavras-chave: Tablet, Pedagogia Hospitalar, Fenomenologia

1. INTRODUÇÃO

A educação tem experienciado um cenário de transformação contínua, como deve ou deveria ser vivida. Um dos desafios que podem estar a perpassar o século XXI, sobretudo ao professor, é o de compreender e acompanhar essas mudanças que hoje estão acessíveis para todos, e mais que isto, é saber utilizar essas ferramentas/ dispositivos com o fim de ampliar/ inovar, e o de adotar estas ferramentas, através de uma proposta pedagógica e psicopedagógica, e facilitar a apropriação do conhecimento com a inserção digital ao mundo que já faz parte da criança de hoje, e que se estende aos jovens, adultos e idosos em processo de educação escolar e não-escolar.

A maioria vivencia uma sociedade que denominamos de cibercultura (LEVY, 1999). Nessa sociedade, aparece de sentido dos mais provocativos, relacionamentos em rede - rede de computadores, comunicação virtual, a indústria do entretenimento, o comércio eletrônico, a pesquisa de vários fenômenos sociais associados à internet e outras novas formas de comunicação em rede, como as comunidades on-line, jogos de multiusuários, jogos sociais, mídias sociais, realidade ampliada, mensagens de texto, e que inclui questões relacionadas à identidade, privacidade, formação de rede etc.

Na cibercultura convivemos e navegamos numa amplidão de “coisas”, donde existe uma grande quantidade de ferramentas disponíveis para uso e manipulação de dados, informações, pesquisas, produção de conteúdos e interatividade, novas perspectivas estéticas e éticas – que por sua vez cria subjetividades advindas das interexperiências – eu comigo e com o outro, no mundo. Os meios de informação e comunicação evoluíram tão densa/ tensa/ intensa, que devemos refletir sobre como estamos nos apropriando destas ferramentas em nosso cotidiano – elas mesmas humanas -, e em especial na educação escolar e ou não escolar, nosso espaço de interesse deste trabalho.

Essa pesquisa bibliográfico-teórica, estudada de modo fenomenológico, abordará um estudo focal, qual seja, uma tese de doutorado de Sant’Ana (2014) que trabalhou o uso do tablete em Pedagogia Hospitalar, mais especificamente numa brinquedoteca do nordeste brasileiro.

2. OBJETIVO

Descreveu compreensivamente o uso do tablet numa perspectiva escolar e não escolar da Pedagogia Hospitalar, que aconteceu numa brinquedoteca, desvelando a sua potência didática, e para alcançar essa meta, os pesquisadores recorreram a uma pesquisa/ tese de Sant’Ana (2014) que foi estudada/ investigada bibliograficamente indissociada às atitudes fenomenológicas (FORGHIERI, 2001; PINEL, 2004) de envolvimento

existencial com o fenômeno estudado, e indissociando-se a um distanciamento reflexivo.

3. MATERIAL E MÉTODO

Como já dissemos, trata-se de uma pesquisa bibliográfico-teórica que estudada/ pesquisada sob o foco fenomenológico (SANT'ANA, 2014), tal como propõe Forghieri (2001) e Pinel (2004).

3. REFERENCIAL TEÓRICO

As Tecnologias da Informação – ou TICS -, imprimem novas marcas em nosso cotidiano, sejam nos processos organizacionais de aprendizado e das relações interpessoais, criando novas subjetividades, por meio do uso das tecnologias, e principalmente de como as pessoas se relacionam. Rosini (2007, p. 3) esclarece que,

Os avanços da informática, dos computadores e de outras formas de tecnologia têm exercido feito significativo na sobrevivência das organizações (Hospitalares, empresariais, educacionais). É difícil encontrar qualquer forma de organização ou de processo organizacional que não tenha sido alterada pela presença de novas tecnologias.

Neste sentido, nós educadores, devemos refletir sobre como estas possíveis soluções tecnológicas possam ser caminhos de possibilidades transformadoras das práticas pedagógicas e ou psicopedagógicas. Como ocorre uma mediação entre de instrumentos de tecnologia e a relação do saber no que tange novos meios, métodos e formas de ensinar? Ainda, devemos procurar significados sentidos sobre como estas novas tecnologias, de como elas podem ser utilizadas pelos estudantes, e como estes aprendem usando o computador, internet, celular, tablets e demais dispositivos.

Nesse contexto, para Merleau-Ponty (2011) o nosso corpo é totalidade – em meio inclusive a dispositivos. Ele engloba como ser-no-mundo que somos, e

ele está então no mundo das coisas, indissociado. Esse corpo está no meio dos objetos, e, entretanto, não resta menor dúvida, de que possui uma extensão e capacidade reflexiva, de capturar os sentidos, os significados do vivido – inferimos que a inteligência indissociada do afeto, que se interliga ao psicomotor: “Habituar-se a um [dispositivo] é instalar-se neles ou, inversamente, fazê-los participar do caráter volumoso de nosso corpo próprio” (p. 199). O objeto como parte do nosso próprio corpo, sua extensão - e nós o nomeamos de sentido, assim. Henriques (2014) irá nos pontuar, dentre outras coisas, que a técnica, enquanto origem da palavra, nos conduz a ato de conhecer. A técnica não algo neutro (HEIDEGGER, 2010).

De acordo com Bernardi (2010):

[...] o uso de recursos da informática favorece a autonomia e independência; trabalha o erro de maneira construtiva, elevando a auto-estima; exige limites levando ao controle da ansiedade; o trabalho é motivador, pois permite a consciência da própria cognição, atenção e memória. Além destes fatores, ainda desenvolvem a curiosidade, a autonomia, a rapidez de interpretação e resposta, a organização na realização das tarefas, desenvolvimento lógico-temporal e a concentração para perceber o que deve ser feito (2010, p. 10).

Nestes termos, buscamos compreender que a informática são instrumentos potencializadores de formas de aprendizado em suas mais variedades, que pode desenvolver a autonomia destes sujeitos, recorrendo aqui-agora a Freire (1996). Pinel (2004) irá destacar “a filosofia do humano professor/ educador que subjaz ao seu uso, o uso de maquinários, ferramentas – em nome de quem usamos ‘coisas’, objetos” (p. 5) e nos indica, que será esse “posicionamento filosófico que nos dirá o significado do maquinário ou dispositivo” (p. 6). Assim, para compreendermos como o professor (e ou educador) usa as ferramentas, é preciso escutar dele qual o sentido fornece ao ser humano, o mundo, o problema e as tentativas (educacionais) de abordar tais barreiras.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O autor (SANT'ANA, 2014) buscou desvelar as práticas docentes do futuro professor de Pedagogia (em curso de Licenciatura em Pedagogia), no uso do dispositivo móvel tablet PC na brinquedoteca hospitalar de um hospital público na cidade de Picos-PI. Tratou-se assim de uma formação inicial, já que as professoras faziam Pedagogia na Universidade Federal de PiauÍ, no Campus de Picos. O objetivo da sua tese foi o de, segundo ele, problematizar o ser-aí nos fluxos de transformação continua que, por ventura, projetariam o ser da presença da docência com o dispositivo móvel tablet PC e as teias educacionais de aprendizagens inclusivas advindas dessa aprendizagem junto ao outro. E como vemos, ele de fato alcançou o objetivo com muita sensibilidade.

Nesta experiência, os educadores e os alunos do curso de Pedagogia, foram colocados numa posição de aprendizado de via múltipla, onde as pedagogas se preparavam para lidar com as ferramentas e proporcionar momentos de aprendizado com os alunos hospitalizados e os alunos, ao trabalhar com os tablets, produziam e devolviam o fluxo de transformações para as alunas de Pedagogia e para as crianças que estavam no hospital.

Fica evidenciada o marco teórico heideggeriano, que Sant'Ana adentrou com profundidade. O será no começo da pesquisa, que ele recorre a uma famosa entrevista do pensador alemão acerca da técnica, popularizada de que ele era contra:

Tento compreender a essência da técnica. (...) É preciso evitar o mal-entendido segundo o qual eu seria contra a técnica. Na técnica, a saber, em sua essência, eu vejo que o homem é posto sob o domínio de uma potência que o leva a revelar seus desafios e diante da qual ele não é mais livre - eu vejo que algo se anuncia aqui, a saber, uma relação entre o Ser e o homem e que essa relação, que se dissimula na 'essência' da técnica, poderia um dia desvelar-se com toda sua clareza. Não sei se isso acontecerá! Vejo, contudo, na essência da técnica, a primeira aparição de um segredo muito mais profundo (...) donde se pode deduzir que não se trata absolutamente de uma resistência à técnica ou de sua condenação. Porém, trata-se de

compreender a essência da técnica e do mundo técnico. Em minha opinião, isso não pode ser feito enquanto nos movermos, no plano filosófico, dentro da relação sujeito-objeto. (...) - (HEIDEGGER, in SANT'ANA, 2014; p. 1).

Parece ficar claro e inequívoco, de que a técnica não é a essência como no marxismo, diz inclusive, nessa entrevista, Heidegger. A técnica é apenas uma ferramenta, dependendo de quem é esse homem, aquele que a utiliza. Há uma preocupação de Heidegger de como a técnica se mostra sufocando o homem: “A técnica não é, portanto, um simples meio. A técnica é uma forma de descobrimento” (HEIDEGGER, 2010; P. 17). A técnica então parece-nos que está no âmbito da verdade, e a técnica não é uma atividade despojada de neutralidade, logo não é algo tão simples assim. Todo “descobrimento” é uma produção de algo de sentido, algo intencional junto ao outro no mundo. É o homem aquele que produz, inventa, cria e descreve aplicações para as “coisas objetais” que joga no mundo, mas ele mesmo não pode eximir-se dessa cri(ação), não pode colocar-se fora dessa produção, no mundo.

O autor pesquisado, a todo instante, (pró)cura desvelar que o tablet enquanto técnica humana, é algo inventada indicando um determinado modo de conhecimento “que aponta para um certo saber-fazer” (HENRIQUES, 2014; p. 33).

A tese nos provoca imediatamente, ao procurar ousadamente problematizar fenomenologicamente o ser da presença da docência. Para isso, o autor pesquisa estudantes de Pedagogia que estão sendo graduandas para exercer a docência junto a discentes – mas elas mesmas alunas. A proposta é ensinar (e evocar sentido da aprendizagem) no uso do tablet PC, estimulando as possibilidades de seu uso a brinquedoteca hospitalar. E nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa foi o de “problematizar o ser-aí nos fluxos de transformação continua que, por ventura, projetariam o ser da presença da docência com o dispositivo móvel tablet PC e as teias educacionais de

aprendizagens inclusivas advindas dessa aprendizagem junto ao outro no mundo” (p. 1).

Sentimos nas leituras da tese o processo de sensibilização que vivenciaram as estudantes e o uso que deram ao maquinário, aqui denominado tablet PC. Por um processo pedagógico e psicopedagógico criativo, inventaram “modos de ser sendo junto ao outro no mundo” (PINEL, 2004) da Pedagogia Hospitalar naquela brinquedoteca de um hospital da cidade de Picos. Há o envolvimento existencial com a “coisa”, aquilo do objeto, mas na delicadeza do vivenciar o humano: o tablet PC não toma o lugar delas, de cada uma delas. Elas permanecem (co)movidas pela própria disciplina do estágio e pelo pesquisador.

A questão de gênero aparece, por exemplo, desvelando essa sensibilidade, essa educação de sentido ou sentido da educação ali na brinquedoteca hospitalar. Uma graduanda desvela que ela achou que é que os pais de uma criança adoentada ali no brinquedoteca, acharam estranha a presença do pesquisador Alex, daquele homem na brinquedoteca, e com um tablet nas mãos. As crianças vieram brincar com o apetrecho tablet, e Alex indo orientar, “elas achavam estranho, assustadas. Naquele dia a menina queria brincar, mas a mãe não queria deixar, acho que estava com medo de quebrar e ela mexia por baixo da cadeira e dizia ‘vamos embora’, e a criança querendo brincar...” (p. 134). A presença do autor levou uma mãe a impedir a filha brincar. Ao mesmo tempo, analisa a graduanda que a experiência com computador pode afastar também: quem tinha uma história de ter computador em casa, tudo era mais facilitado.

O experienciar é um fator facilitador “da coisa” (tablet). E Alex nos passa que criou esse clima existencial que facilita a aprendizagem e o desenvolvimento, indissociados que são na prática vivida ali na brinquedoteca. O entregar-se ao vivido com o objeto, pode nos dizer da extensão do corpo total, na sua compreensão, recorrendo a Merleau Ponty (2011).

O sentido contido no novo, no inusitado é outro dado pontuado pelas formandas e ao mesmo tempo pessoas da pesquisa: “Se o professor chegar apenas com o giz e quadro, os alunos tendem a não prestar atenção. Mas se chegar com o tablet, eles vão prestar atenção e revoluciona nesse ponto” (p. 144).

A tese levantada pelo autor, por sinal efetuada no processo da pesquisa, foi confirmada ou seja, a de que “um simples artefato/ dispositivo/ ferramenta como é um tablet PC é capaz de produzir mais sentidos e significados quando está sob o manuseio de estudantes universitárias de Pedagogia que o utilizam numa brinquedoteca hospitalar de um hospital público de Picos-PI, discentes essas (que se aproximam do que se pode reconhecer como Psicopedagoga) que atuam dentro do que se denomina Pedagogia Hospitalar” (p. 1).

Assim, o autor consegue, a nosso sentir com sucesso, descrever a tessitura de teias educacionais de aprendizagens inclusivas que emergem dos diversos e complexos fluxos de transformação contínua geradas no contexto de uma brinquedoteca hospitalar, que é um espaço-tempo de domínio de uma potência que se incentiva a descoberta de desafios lúdico-educativos associando com a técnica digital e a transição paradigmática da condição sócio historicamente determinada de sujeito para o ato de tornar-se agente (co)determinante de fatores capazes de desvelar o ser – suas possibilidades procuradas na investigação.

Os resultados dos nossos estudos/ pesquisa acerca da tese de Sant’Ana (2014), nos desvelam, nesse nosso artigo aqui-agora, de que os procedimentos que usam de dispositivos (“coisas objetais”), se manifestam de diversos “modos de ser sendo junto ao outro no mundo” (PINEL, 2004) dos humanos, estando eles diante do uso do tablet.

Ainda mais, capturamos que o processo de leitura mesma de Sant'Ana (2014), foi por si só uma experiência, nos desvelou compreensivamente, as ações humanas desenvolvidas junto a tais maquinários – no mundo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo foi alcançado, pois foi desvelado nas leituras da tese, os possíveis sentidos da potência do tablet (e possivelmente de outras ferramentas) no desenvolvimento e aprendizagem das pessoas inseridas numa brinquedoteca que é outro dispositivo para a Pedagogia Hospitalar escolar (escolaridade geral ou especial) e social (ensino-aprendizagem dos processos de socialização). Ao descrevermos compreensivamente o uso do tablet numa perspectiva escolar e não escolar dentro da Pedagogia Hospitalar, desvelamos o como de sua potência didática, potência essa produzida pelo agir-sentir-pensar humano, de professores, estudantes, educandos, pais etc.

A “coisa objetual” que pode ser o tablet, vai ganhando novos contornos humanos, dependendo de quem o utiliza, com qual finalidade, em nome de quem. Então não é o objeto mesmo algo inanimado, mas animado pelo ser-endo na docência e no ser-endo estudante ou educando.

REFERÊNCIAS

BERNARDI, S. T. **Utilização de softwares educativos nos processos de alfabetização de ensino e aprendizagem com uma visão psicopedagógica.** Revista de educação do IDEAU, v.5, n.10, Jan/Jun, 2010. p. 1-15.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1966.

HENRIQUES, Rafael Paes. **Tecnologia, objetividade e superação da metafísica.** Vitória: Edufes, 2014.

HEIDEGGER, Martin. **A questão da técnica.** Petrópolis: Vozes, 2010.

LEVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

PINEL, Hiran. **Apenas dois rapazes & uma Pedagogia Social;** cinema, educação e existencialismo. Vitória: Do autor, 2004.

SANT'ANA, Alex Sandro C. **O ser da presença da docência com o dispositivo tablet pc e as teias educacionais de aprendizagens inclusivas na [psico] pedagogia social hospitalar.** 2014. 303 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014. Sob orientação do professor doutor Hiran Pinel. Disponível em: <http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_7575_Tese_Alex.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2015.

ROSINI, Alessandro Marco. **As novas tecnologias da informação e a educação a distância.** São Paulo: Thomson Learning, 2007.